



Estudos em Escrita Criativa

Patricia Gonçalves Tenório¹

Setembro, 2021

Como escrever um idílio

<https://www.youtube.com/watch?v=t4pl079t548>²

Carlos é um jovem de quinze anos que corre o risco de se perder pelas ruas e aventuras sexuais da cidade de São Paulo. Mora em Higienópolis, bairro nobre, casa luminosa de dois andares. Três irmãs mais novas, Maria Luísa, Laurita e Aldinha. O pai, Felisberto, e a mãe, Laura – nome da Vila onde habitam –, contratam *fräulein* Elza, uma governanta alemã que irá iniciar o rapazote nas artes do amor, ou melhor, no verbo intransitivo amar.

Este módulo não será teórico, tão queridíssimas e queridíssimos escribas. Até porque a convidada especial do mês de setembro de “Os mundos de dentro” é nada mais nada menos que Maria do Carmo Nino, artista plástica, professora por mais de vinte anos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), departamentos de Artes, Comunicação e Letras, e que irá nos brindar com a construção do acolhimento que é uma residência de artista – um anexo de sua própria casa.

Para a praticidade do olhar, debruçar-nos-emos sobre grandes manuais de Escrita Criativa para acompanharmos, com o autor do módulo 9, a construção da casa-romance-

¹ Escritora, vinte livros publicados, sendo um no formato de vídeo podcast, mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e doutora em Escrita Criativa (PUCRS). Contatos: grupodeestudos.escritacriativa@gmail.com e <https://www.youtube.com/estudosemescritacriativa>

² Sampa. In *Muito – Dentro da Estrela Azulada*. Compositores: Caetano Veloso e Gilberto Gil. 1978.

de-estrela *Amar, verbo intransitivo*: idílio,³ do poeta, romancista, musicólogo, historiador de arte, crítico e fotógrafo brasileiro Mário Raul de Moraes Andrade, o Mário dos Andrades⁴ do nosso curso.

Os manuais

Logo na primeira das *Cartas a um jovem escritor*, do romancista, jornalista, professor peruano Mario Vargas Llosa, encontramos a necessidade da arte que o poeta alemão Rainer Maria Rilke nos adverte no seu (também) *Cartas a um jovem poeta*. Ponhamos os dois escribas em diálogo:

– Então, caríssimo Rilke, “o escritor sente intimamente que escrever é a melhor coisa que jamais aconteceu, e pode acontecer, pois escrever significa para ele a melhor maneira possível de viver, independente dos resultados sociais, políticos e financeiros que possa alcançar com o que escreve”.⁵

– De acordo, caríssimo Llosa. “Não há senão um caminho. Procure entrar em si mesmo. Investigue o motivo que o manda escrever; examine se estende suas raízes pelos recantos mais profundos de sua alma; confesse a si mesmo: morreria, se lhe fosse vedado escrever?”⁶

Tomemos o autor-casa-idílio escolhido para nos debruçarmos sobre o módulo de setembro, mês da primavera no hemisfério norte, Mário de Andrade. Tomemos *Amar, verbo intransitivo*: idílio.

Mário, em seu romance de estreia, inaugura uma nova linguagem, na pura necessidade de uma forma de expressão mais brasileira: tenta cortar o cordão umbilical português.

³ ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo*: idílio. Estabelecimento do texto: Marlene Gomes Mendes. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

⁴ O outro Andrade é também um outro Carlos: Drummond.

⁵ VARGAS LLOSA, Mario. *Cartas a um jovem escritor*: “toda vida merece um livro”. Tradução: Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006, p. 5.

⁶ RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do portandarte Cristóvão Rilke*. Tradução: Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Globo, 2001, p. 26.

Postfácio. A língua que usei. Veio escutar melodia nova. Ser melodia nova não quer dizer feia. Carece primeiro a gente se acostumar. Procurei me aperfeiçoar ao meu falar e agora que já estou acostumado a lê-lo escrito gosto muito e nada me fere o ouvido já esquecido da toada lusitana. Não quis criar língua nenhuma. Apenas pretendi usar os materiais que a minha terra me dava, minha terra *do Amazonas ao Prata*. Fugi cuidadosamente de escrever paulista empregando termos usados em diferentes regiões do Brasil e modismos de sintaxe ou de expressão mais ou menos gerais dentro do país. Certamente que muito errei, porém isso deve ser muito desculpado pra quem se mete num novo roteiro adonde ninguém inda nunca passou!⁷

Mário age em prol de uma expressão artística verdadeiramente brasileira. E, no seu processo criativo, forja frases-palavras com um novo olhar. Na praticidade do olhar, forja um livro novo. Uma personagem nova.

Se este livro conta 51 leitores sucede que neste lugar da leitura já existem 51 Elzas. É bem desagradável, mas logo depois da primeira cena, cada um tinha a Fräulein dele na imaginação. Contra isso não posso nada e teria sido indiscreto se antes de qualquer familiaridade com a moça, a minuciasse em todos os seus pormenores físicos, não faço isso. Outro mal apareceu: cada um criou Fräulein segundo a própria fantasia, e temos atualmente 51 heroínas pra um só idílio.⁸

Um dos Andrades do nosso curso, o Mário, realiza, no seu romance de estreia, o que o escritor, professor da PUCRS e da mais antiga oficina literária em atividade no âmbito acadêmico (desde 1985), Luiz Antonio de Assis Brasil, nos ensina ser o mais importante em uma boa história: o personagem.

Se você leu um ótimo romance há dez anos, logo recordará, com força e vivacidade, do personagem central e do conflito, mas irá amaldiçoar a própria memória, pois não consegue se lembrar da sequência dos eventos. Deixe a memória em paz e agradeça-lhe, porque ela gravou o que de fato interessa.⁹

Seguindo os conselhos de Assis Brasil, Mário de Andrade vai construindo, de maneira consistente, a grande professora nas artes de amar, tão profundamente, que retém em si o verbo intransitivo: incondicionalmente.

⁷ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 151, itálico da edição.

⁸ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 29.

⁹ BRASIL, Luiz Antonio de Assis. *Escrever ficção: um manual de criação literária*. Colaboração: Luís Roberto Amabile. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 33.

Não é clássico nem perfeito o corpo da minha Fräulein. Pouco maior que a média dos corpos de mulher. E cheio nas suas partes. Isso o torna pesado e bastante sensual. Longe porém daquele peso divino dos nus renascentes italianos ou daquela sensualidade das figuras de Scopas e Leucipo. Isso: Rembrandt, quase Cranach. Nenhuma espiritualidade.¹⁰

Apesar de haver prometido não tratarmos de teorias no presente módulo, não posso deixar de comparar o conceito de homem-do-sonho/homem-da-vida que *fräulein* Elza traz em si...

Aqui Fräulein repara que aos poucos o homem-do-sonho se substituíra de novo ao homem-da-vida. É porque este aparece unicamente quando trata-se de viver mover agir. O outro é interior, eu já falei. Ora, pois o pensamento é interior, nem sequer é volição, que participa já do ato. O homem-da-vida age, não pensa. Fräulein está pensando. Nem o homem-da-vida, propriamente, lhe disse que ela ensina apenas os primeiros passos do amor, dá a entender isso apenas, pela maneira com que obstinada e mudamente se comporta. Franqueza: o que pratica é isso e apenas isso.¹¹

... com o conceito de super-homem de um outro alemão, o filósofo e poeta Friedrich Nietzsche, no seu romance de formação *Assim falava Zaratustra*.

Os mais preocupados perguntam hoje: ‘Como fazer para conservar o homem?’ Mas Zaratustra pergunta – e é o primeiro e único a fazê-lo: – ‘Como fazer para que o homem seja *superado*?’

O super-humano é o que trago no coração, é o meu primeiro e único, e não o homem: não o próximo, não o mais pobre, não o mais aflito, não o melhor.

Meus irmãos, o que eu posso amar no homem é ser ele uma transição e um declínio. E em vós também há muitas coisas que me fazem amar e esperar.¹²

Mas voltemos para os manuais elencados e o grande manual da língua nova brasileira¹³ que é *Amar, verbo intransitivo*: idílio. Mário vai construindo seus personagens

¹⁰ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 30.

¹¹ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 39.

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Tradução: Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p. 324, itálico da edição – (Coleção Vozes de Bolso).

¹³ Inclusive no trecho seguinte podemos notar uma das quebras na gramática que Mário de Andrade realiza no romance por inteiro: a exclusão das vírgulas – ele irá também trocar ponto de interrogação por exclamação e ponto-final. Interessante ler a apresentação desta edição de *Amar, verbo intransitivo* da professora aposentada da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora

(que é o que mais importa) de maneira consistente, como sugere Assis Brasil. Vai forjando seus mundos de dentro, como se fossem independentes, como se independessem de um autor.

Um dia, era uma quarta-feira, Fräulein apareceu diante de mim e se contou. O que disse aqui está com poucas vírgulas, vernaculização acomodatória e ortografia. Os personagens, é possível que uma disposição particular e momentânea do meu espírito tenha aceitado as somas por eles apresentadas, essa toda a minha falta. Porém asseguro serem criaturas já feitas e que se moveram sem mim. São personagens que escolhem os seus autores e não estes que constroem as suas heroínas. Virgulam-nas apenas, pra que os homens possam ter delas conhecimento suficiente.¹⁴

Eis (com certeza) o de acordo de Mário (de Andrade) com (Luiz Antonio de) Assis Brasil. Eis (talvez)¹⁵ a influência de (Luigi) Pirandello e *Seis personagens à procura de autor*.

O PAI

Mas se é aí que está todo o mal! Nas palavras! Todos temos dentro de nós um mundo de coisas; cada um tem um mundo seu de coisas! E como é que podemos nos entender, senhor diretor, se nas palavras que eu digo eu ponho o sentido e o valor das coisas como elas são dentro de mim; enquanto quem escuta as percebe inevitavelmente com o sentido e o valor que elas têm para ele, do mundo como ele traz dentro de si?¹⁶

Além de repetir o refrão “Ninguém o saberá jamais” diversas vezes, Mário (de Andrade) traz ao centro a parte musical que o constituiu em um dos maiores

de Crítica Textual e Crítica Genética, Marlene Gomes Mendes, quando narra a consulta feita por Andrade ao seu tio/primo Pio, grande conhecedor da gramática portuguesa.

¹⁴ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 58.

¹⁵ Os dois livros são praticamente da mesma época, *Seis personagens*, de 1921, e *Amar, verbo intransitivo*, escrito entre 1923 e 1926. Em uma carta a Manuel Bandeira, em novembro de 1923, Mário afirma: “Escrevo um romance, Manuel. É *Fräulein*. Está bastante avançado. Todo tempo meu que tenho, dou-o ao novo livro. Estou satisfeito comigo mesmo. Assim que terminar, antes da redação definitiva, mandar-to-ei para o *Imprimatur*.” (ANDRADE, Mário de. BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas: Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, 2ª ed, 2001, p. 104, itálico da edição – (Coleção Correspondência de Mário de Andrade).

¹⁶ PIRANDELLO, Luigi. *Seis personagens à procura de autor*. Tradução: Sérgio Flaksman. 1ª ed. São Paulo: Peixoto Neto, 2004, p. 60 – (Os grandes dramaturgos).

pesquisadores da música genuinamente brasileira, resgatando o folclore do interior e do nordeste do país, e pioneiro no campo da etnomusicologia. Vejamos.

Carlos é (falsamente) flagrado pelo pai em um momento de intimidade com *fräulein* Elza. Felisberto e Laura tentam convencê-lo (o pai) e consolá-lo (a mãe) da partida da governanta alemã no dia seguinte. O rapazote, desesperado de paixão, tenta falar com a amada.

– Fräulein!

Evidentemente ela não dormia.

– Quem é.

– Abra esta porta!

– Carlos, não posso! Vá dormir!

– Abra esta porta, já disse!

– Mein Gott! seu pai escuta, Carlos. Vá embora!

– Eu arrebento esta porta! Fräulein! abra a porta!

– Meu filho, que é isso! Não faça assim!

– Mamãe me largue! me largue! eu quero abrir esta porta, já disse!

– Mas meu filho tenha paciênc...

– Abra a porta, Fräulein!!

Clave de fá [...]¹⁷

Tanto no módulo 2 sobre Manuel Bandeira, quanto no módulo 3 sobre Ferreira Gullar de “Os mundos de dentro”, em 2021, e também no módulo sobre a Língua Inglesa, em 2020, percebemos o tom, o efeito e a intenção de Edgar Allan Poe (em “A filosofia da composição”) permeando os refrões “Ninguém o saberá jamais” e “Clave de fá” do romance de estreia de Mário de Andrade. O que nos faz lembrar de outro manual de Escrita Criativa, *Os segredos da ficção*, do romancista, jornalista e professor de oficinas literárias (desde 1989), Raimundo Carrero, quando trata, à luz de Poe, da importância em se preparar para escrever uma boa história.

¹⁷ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 131-132, sublinhado nosso.

No entanto, alguém só pode se sentar para “trabalhar na combinação de acontecimentos” se conhece a sua voz narrativa. Em princípio, falo aos autores iniciantes que nem sequer têm uma voz narrativa porque lhes foram negados todos os atributos, desde a infância. É preciso procurá-la. Em seguida, considero a necessidade do esboço, como exercício, mesmo quando se tem uma história. E o argumento, a partir do instante em que a história pede composição.¹⁸

Mas tudo começa, irremediavelmente, na leitura dos bons livros, ou, como costumam chamar, dos clássicos, ou, como afirma a escritora e professora de literatura e criação literária por mais de vinte anos em universidades tais como Harvard, Columbia e Iowa, EUA, Francine Prose:

Como a maioria dos escritores, talvez todos, aprendi a escrever escrevendo e lendo, tomando os livros como exemplo.

Muito antes de a ideia de palestras de escritores passar pela mente de alguém, escritores aprendiam pela leitura da obra de seus predecessores. Eles estudavam métrica com Ovídio, construção de trama com Homero, comédia com Aristófanes; afiavam seu estilo absorvendo as frases claras de Montaigne e Samuel Johnson. E quem teria podido pedir melhores professores: generosos, não críticos, abençoados com sabedoria e gênio, tão infinitamente magnânimos como só os mortos podem ser?¹⁹

Uma residência de artista

Fräulein sacudida pelos soluços nervosos entrou no automóvel. Partiam mesmo. Debruçou-se ainda na portinhola:

– Meu Carlos...

Nada. Só Tanaka fechando o portão, se rindo. E uma casa fechada, toda num amarelo educado, senhorial. VILA LAURA. Quis lutar. Tolice sofrer sem causa. Derrubou-se pra trás largada, desinfeliz. Souza Costa olhava de soslaio pra ela, sem compreender.²⁰

¹⁸ CARRERO, Raimundo. *Os segredos da ficção: um guia da arte de escrever narrativas*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 107.

¹⁹ PROSE, Francine. *Para ler como um escritor: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los*. Tradução: Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 14-15.

²⁰ ANDRADE, Mário de. Op. cit., 2008, p. 134-135.

A rua é a Lopes Chaves, o número, 546, o bairro, Barra Funda, na cidade de São Paulo. Neste local, Mário de Andrade habitou entre 1921 e 1945, e recebia, às terças-feiras, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia, formando o Grupo dos Cinco (intelectuais que defendiam os ideais da Semana de Arte Moderna de 1922). Atualmente, o imóvel é tombado pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e é chamado de Oficina Cultural Casa Mário de Andrade.

É nas residências de artistas que o nosso curso “Os mundos de dentro” se ancora, nesses espaços que acolhem o nosso fazer poético, literário, teórico, a nossa escritura, mesmo em tempos de pandemia. Especialmente em tempos de pandemia.

E para falar melhor sobre residências de artistas e o espaço/tempo de acolhimento, receberemos, com imenso carinho e gratidão, a nossa orientadora de mestrado, professora e artista plástica Maria do Carmo Nino.

Filmes sobre Mário de Andrade e a Escrita Criativa

1) *Raro registro de Mário de Andrade* em vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=eR5XPpU6U6o>

2) *Mário de Andrade* / Canal Curta:

https://canalcurta.tv.br/filme/?name=mario_de_andrade

3) *Biografias* / *Mário de Andrade*:

<https://www.youtube.com/watch?v=Y9ysmrBFpIU>

Exercício de desbloqueio

Assim como na construção de uma residência de artista, esboce uma ideia de romance ou novela (narrativas mais longas), na qual o processo de escritura esteja em evidência, tal como encontramos em *Amar, verbo intransitivo*: idílio, de Mário de Andrade. Você pode utilizar os recursos de fotografias, vídeos, podcasts, mas lembrando sempre de colocar no centro a palavra escrita, razão e consequência do nosso curso “Os mundos de dentro”.